



XVIII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA MILITAR — COMENTÁRIOS E ENSINAMENTOS(*)

L.P. Macedo Carvalho

Matéria extraída de relatório exposto na sessão do IGHMB de 17.03.92. Analisa a conjuntura retratando, com fidelidade, o panorama internacional então existente.

INTRODUÇÃO

A Comissão Internacional de História Militar Comparada (CIHMC) surgiu em 1938, com o nome de Comissão de História Militar, durante o Congresso Internacional de Ciências Sociais de Zurich, Suíça, por iniciativa de Albert Depréaux, responsável pelos arquivos da Fundação Thiers, de Paris. Tinha por finalidade promover a integração de diretores de museus, historiadores, estudiosos e pesquisadores de História

Militar das diversas partes do mundo, até então trabalhando isoladamente, sem conhecimento das matérias de que cada um se ocupava, na maioria das vezes interrelacionadas.

Em julho de 1972, a Comissão foi elevada à categoria de internacional e afiliada ao Comitê Internacional de Ciências Históricas, recebendo a denominação de Comissão Internacional de História Militar Comparada, a fim de evitar confusão com a Comissão de História Marítima, de mesma sigla, CHM, e bem mais antiga.

Desde 1985, a CIHMC congrega 36 nações como membros afiliados, inclusive o Brasil, por intermédio do

* Seleccionado pelo PADECEME

Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Hoje ela tem, por objetivo, estimular e coordenar pesquisas de História Militar, com o espírito de promover o entendimento internacional.

O XVIII Congresso Internacional de História Militar foi patrocinado pelo CIHMC. Teve lugar em Turim, Itália, de 30 de agosto a 5 de setembro de 1992, como parte das comemorações do V Centenário do Descobrimento da América. O tema escolhido foi "O Descobrimento do Novo Mundo e suas conseqüências para a História Militar", desdobrado em quatro tópicos: "A Arte Militar Européia durante a Renascença e a Conquista do Novo Mundo", "A Luta entre as Grandes Potências pela Supremacia no Novo Mundo", "O Nascimento da Potência Militar Norte Americana no Final do Século XIX" e "A Influência da Estratégia das Potências Militares Americanas sobre as Forças Armadas Européias e Asiáticas durante as I e II Guerras Mundiais".

Embora promovido pela CIHMC, o congresso contou com o patrocínio da Presidência da República da Itália, dos Ministérios da Defesa, da Educação e de Pesquisa Científica e Tecnológica, da Prefeitura de Turim, do governo de Piemonte, do Senado Italiano, do Conselho Nacional de Pesquisa e da Sociedade de Historiadores Italianos.

Participaram do evento representações de 29 países. O Brasil se fez presente com uma delegação constituída de apenas dois representantes do

IGHMB,¹ que tiveram seus trabalhos selecionados,² com resumos de aproximadamente 20 minutos cada expostos em plenário.

A sessão de encerramento prolongou-se pela manhã inteira do último dia de atividades programadas e foi iniciada com uma mesa-redonda pela comissão anfitriã, da qual participaram representantes da Alemanha, dos Estados Unidos, da França, Inglaterra, Itália, Rússia e do Japão. Na oportunidade, analisou-se, com absoluta franqueza, a situação geopolítica e geoestratégica mundial, à luz da suposta Nova Ordem Mundial.

Nos 55 anos de existência, a CIHMC já organizou 26 congressos e seminários. Para 1993, está prevista a realização de um seminário em Istambul, Turquia, sobre o tema "Estudo do Período Entre-Guerras de 1918-1939 sob o Prisma da História Militar", esperando-se o comparecimento de mais de 200 participantes e, aproximadamente, 50 delegações. Em comemoração do bicentenário da Rebelião de Kosciuszko, está programado um congresso para setembro de 1994, em Varsóvia, Polônia, cujo tema será "As Insurreições Nacionais desde 1789". Em 1995, terá lugar em Montreal, Canadá, o XXII Congresso Internacional de História Militar, como parte do XVIII Congresso Internacional de Ciências Sociais, sobre tema a

1. Coronel R1 Luiz Paulo Macedo Carvalho e Capitão-de-Mar-e-Guerra (FN) da Reserva Dino Willy Cozza, ambos sócios efetivos do IGHMB.
2. Ver no Anexo: Trabalhos Apresentados.

ser proposto pela Comissão Canadense de História Militar.

COMENTÁRIOS E ENSINAMENTOS

A primeira e capital lição tirada do Congresso é a crescente importância que se dá, no Primeiro Mundo, à cultura e, no caso particular, à História Militar, indiferentemente por civis e militares, homens e mulheres, idosos e jovens; o cuidado com a preservação das coisas do passado que alimentam o presente e sinalizam o futuro.

A despeito da modernidade alcançada pelos computadores, que mastigam os fatos históricos na tentativa da "quantificação de dados", ficou patente não se poder controlar o imprevisível comportamento humano, o qual impede a reconstituição de um conjunto de circunstâncias e fatores, impossibilitando, assim, a repetição da História. Entretanto, provou-se que a História Militar continua sendo a pedra angular da História dos povos, e que esta não chegou ao fim. A falta de alternativa, no momento, para o regime democrático liberal capitalista, com o desmoronamento da União Soviética e a queda do "Muro de Berlim", provas incontestes da vitória do liberalismo sobre o totalitarismo, não afasta a permanente ameaça de conflitos localizados degenerarem em guerras limitadas, mas capazes ainda de arrastar a humanidade a banhos de sangue. Apesar de a História não proporcionar lições, na verdadeira acepção da palavra, oferece inestimáveis subsídios que, se bem analisados em tempo há-

bil, evitam surpresas desagradáveis e indicam a tendência dos acontecimentos.

Lamentavelmente, o nosso alheamento às transformações mundiais em curso, nos diversos campos do poder — científico-tecnológico, econômico, militar, político e psicossocial —, função do isolacionismo cultural brasileiro, enseja que, de má fé ou por ignorância, oportunistas ou desinformados não enxerguem haver contínua possibilidade de guerra no cenário internacional, e que nenhum Estado cômico de sua soberania pode prescindir de forças armadas modernas e adestradas para garanti-la. Precisa-se de humildade, de tomar consciência da real situação de inferioridade cultural do País, buscar intercâmbio com os povos mais adiantados, a fim de não se mergulhar na absoluta miséria subsariana e permanecer marginalizados, cada vez mais, dos centros do poder. Sem investimento em cultura não há pesquisa, sem pesquisa não há tecnologia. E só a tecnologia de ponta confere vantagem em todos os campos do poder nacional.

Constatou-se o inter-relacionamento da Estratégia e da Geopolítica com a História Militar, o que sugere não se prosseguir trabalhando em compartimentos estanques. Mas reduzido número de brasileiros se preocupam com as avaliações estratégicas para vencer a turbulência que envolve a ordem mundial.

Das conversações mantidas com os demais participantes, comprovou-se a existência em quase todas as nações do mundo de órgãos privados e públi-

cos especializados em estudos de História Militar. Causou muito boa impressão o preparo revelado pela Comissão Portuguesa e pelo antigo dirigente da espanhola. Seria recomendável, portanto, que o IGHMB estreitasse relações com essas entidades congêneres.

A maioria dos participantes do Congresso eram oriundos de nações desenvolvidas. Da América Latina, o Brasil era o único representante. Foi a primeira vez que o Brasil apresentou trabalhos nas reuniões promovidas pela CIHMC e os debateu em plenário, defendendo seus pontos de vista com argumentos históricos concretos e irrefutáveis.

A presença brasileira nesse significativo evento cultural se efetivou sem ônus para os cofres públicos e ajuda do IGHMB, por absoluta falta de recursos.

Grande parte das delegações ignorava a participação brasileira em ambos os conflitos mundiais. Somente uns poucos militares mais antigos possuíam vaga idéia de nossa contribuição para a vitória aliada na II Guerra Mundial. Mesmo assim, desconheciam o valor aproximado do efetivo da FEB e as baixas sofridas por nós na Itália e no Atlântico Sul, causadas por submarinos alemães e italianos. Apenas um ex-submarinista germânico, hoje respeitado historiador militar, demonstrou profundos conhecimentos a respeito das operações navais do "Eixo" nas águas do Atlântico Sul, com pormenores de torpedeamento de navios brasileiros no litoral do Nordeste, durante a II Guerra Mundial. Surpresos fica-

ram muitos italianos em saber que tropas brasileiras haviam sido as primeiras a penetrar na cidade de Turim, no final da campanha do Mediterrâneo. Provocou impacto entre os ouvintes a declaração de que o Brasil saldara o empréstimo tomado para ajudar na libertação da Itália até o último centavo e não recebera qualquer reparação de guerra. Em várias ocasiões, manifestaram desejo de contar com a participação do Brasil em outras atividades de natureza semelhante, como o seminário ocorrido em fins de 1992 na Grécia, e de o IGHMB aceitar o encargo de organizar um congresso internacional da CIHMC no Rio de Janeiro após 1995, bem como de editar outro número da "Revue Internationale d'Histoire Militaire".³

Se o Brasil almeja ocupar o lugar que lhe é devido entre as nações emergentes, faz-se mister estimular e apoiar atividades culturais como essa. Há necessidade de divulgar a bibliografia de nossa História Militar. Boa oportunidade se oferece com as próximas comemorações dos 50 anos da II Guerra Mundial, quando se poderia efetuar a reconstituição da campanha da FEB na Itália, *in loco*, com a participação de ex-combatentes alemães, aliados e brasileiros. Seria valioso o Brasil estar sempre presente a reuniões internacionais e se intensificar o intercâmbio do IGHMB com a CIHMC. Parece impositivo aprofundar o estudo da História Militar entrelaçada com a Estratégia e a Geopolítica. Apoiar melhor o IGHMB é imprescindível para

3. Revista fundada pelo CIHMC, registrada oficialmente na França.

não se perder a memória militar nacional. A criação de um Centro de Estudo e Pesquisa de Estratégia e História Militar do Exército constitui lacuna que deve ser preenchida para, em colaboração íntima com o Arquivo Histórico do Exército e a Biblioteca do Exército, rever e atualizar a história da força terrestre brasileira, além de coletar, reunir e divulgar preciosas fontes históricas esparsas, em risco de desaparecimento.

Quanto à tão alardeada e pouco entendida "Nova Ordem Internacional", que dizem as grandes potências objetivar a democracia, tornar a ONU o único *forum* para solucionar os conflitos internacionais e limitar as forças armadas nacionais à autodefesa de cada país, parece mais suscetível de redundar em desordem mundial.

O futuro do planeta e da Europa, especialmente, se afigura incerto. Acredita-se mesmo inexistir "bola de cristal" que indique para onde caminha a humanidade. Qualquer previsão atual é temerária. As ilações vão do otimismo ao pessimismo. Novas fontes de instabilidade mundial surgiram: drogas, desequilíbrios ecológicos, fundamentalismo religioso, imigrações forçadas, minorias raciais, miséria e nacionalismos. Os próximos anos serão difíceis.

As mudanças ocorridas no Leste Europeu, decorrentes do esperado mas súbito desaparecimento do império soviético, com a reunificação da Alemanha e o recrudescimento dos conflitos étnicos, começam a redesenhar o mapa-múndi e causam apreensões ge-

neralizadas. A crise econômica do Leste Europeu é tão grave quanto a dos anos 30 e traz, no seu bojo, sérias ameaças à ordem interna das nações, aos valores sociais e às estruturas políticas.

Os países surgidos no território da ex-União Soviética tornaram-se autênticos barris de pólvora, para os quais não se visualiza solução imediata. Esses países se esforçam para organizar suas forças armadas, comprando ou se apropriando de armamento, inclusive nuclear, do antigo Exército Vermelho. Grandes efetivos das extintas forças terrestres soviéticas ainda estacionados na Alemanha, na própria Rússia e nos satélites de ontem, sem condições de regressar à mãe pátria ou serem desmobilizados imediatamente, representam sinal de perigo à estabilidade mundial. A perda do controle das armas da então União Soviética constitui enorme risco. A desmobilização militar será lenta e penosa. A reconstrução da Rússia levará de cinco a dez anos. A Rússia, internamente, pode não se manter. A deterioração da CEI é um fato. A futura estabilidade econômica e política da Rússia dependerá da habilidade de consolidar uma federação e de firmar alianças internacionais. Do contrário, o desequilíbrio econômico acarretará o caos político e social, não se devendo afastar a hipótese de eclodir outra revolução comunista ou da implantação de um regime autoritário direitista. A Rússia precisa da ajuda alemã e/ou norte-americana para sobreviver. Seja qual for o desfecho da crise russa, o seu reflexo se fará sentir em todo o

mundo.

A guerra na ex-Iugoslávia tem grandes possibilidades de se estender a outras regiões do Leste Europeu. Uma intervenção armada em larga escala das grandes potências ou a "interposição" de força de paz internacional será ariscada, tanto na Iugoslávia como no Leste Europeu, porque outros fatores de risco acham-se em jogo. Os EUA vêem-se tentados a deixar a solução do problema iugoslavo com os europeus. Porém, não podem ficar alheios à questão sob pena de cometer grave erro. Fala-se em "purificação étnica" nos Bálcãs com desenvoltura e a maior naturalidade, admitindo-se a retificação das fronteiras artificiais impostas depois da I Guerra Mundial e o aparecimento de novos países. Há poucos meses Helmut Schmidt falou da necessidade de proteger as minorias étnicas na Europa, deixando-se trair pelo pensamento político germânico. Com isso, além das questões iugoslava e tcheco-eslovaca, volta à baila, para os gregos, o pesadelo da Macedônia independente e reunificada, agravado pelas incursões búlgaras na Tessalônica, e o velho antagonismo com os turcos, na eterna disputa acirrada das ilhas do Mar Egeu.

Na verdade, encara-se a reunificação alemã com reservas. Teme-se que o velho sonho expansionista germânico ressurgirá, ultrapassada a fase desafiante da reunificação alemã, levando as fronteiras do antigo *Reich* aos limites da Prússia e do ex-império austro-húngaro. Eis uma das razões encobertas pelas quais nenhum país isoladamente ousa intervir na carnificina

de Sarajevo. O fantasma de uma Alemanha forte é visto com desconfiança. O custo da reunificação alemã é caro e se faz sentir nos países vizinhos, em termos de desvalorização das moedas, de recessão e de desemprego. Tais efeitos nefastos geram preocupações. Os EUA vêem a escalada alemã com suspeitas, atentos às negociações da Rússia com sua aliada de 1939. As divergências tendem a se acentuar, no momento, quando novas gerações alemães, que não viveram o drama da guerra, da derrota e da ocupação, ascenderem ao poder.

Sem dúvida, o êxito da democracia liberal capitalista na Europa Ocidental repercute em todo o Velho Mundo. A união política europeia depende da unidade econômica. O "sim" dado a Maastrich pela combalida França socialista de Mitterand foi arrancado com ponderável resistência. O inconformismo britânico é notório diante da possibilidade de ver a sólida libra esterlina superada pelo valorizado marco alemão e, simultaneamente, nivelada a moedas usualmente fracas, como a lira italiana, a peseta espanhola e o escudo português, ainda que apenas para efeito de referencial de trocas comerciais no âmbito da Comunidade Europeia. Os contratempos do Tratado de Maastrich e da unificação europeia são mais do que um acidente técnico, visto que anunciam um recuo psicológico da Alemanha estranhamente atraída por um modelo anterior e por esta *terra de ninguém* que é o Leste Europeu, adverte o estudioso do Congresso de Viena e ex-Secretário de Estado norte-americano.

A unidade política da Europa, cenotário sonho napoleônico, não é fácil de se obter. As instituições nacionais européias são complexas. A interdependência das nações é confusa. Uma única cultura política mostra-se bastante discutível. As fronteiras ideológicas estabelecidas pelo comunismo cederam lugar às dos acendrados nacionalismos. Tudo indica que, em breve, o Norte da Europa será mais populoso do que o Norte da África. Cerca de um terço do tráfego comercial do mundo se faz pelo Mediterrâneo e a Itália se confessa impotente para, sozinha, assegurar livre navegação no *mare nostrum*. A Europa não está esgotada, mas se revela incapaz de arcar com o peso da defesa coletiva, pois a unidade militar decorre da política.

As mudanças verificadas no Leste Europeu tornaram o papel da OTAN questionável. Cresce a discussão em torno da manutenção das forças norte-americanas na Organização e paira grande interrogação quanto ao emprego de uma força internacional de paz, sem ferir a soberania das nações. Até mesmo a existência da OTAN coloca-se em dúvida. Algumas nações européias desejam ver as tropas dos EUA fora do velho continente, porém outras encaram a permanência dos norte-americanos em solo europeu como segurança, contra eventual expansionismo germânico, e fator de redução das despesas com a defesa coletiva. Assim, aumenta a responsabilidade das Nações Unidas para legitimar o uso da força nos litígios internacionais. Contudo, prevê-se dificuldades no Conselho de Segurança para dar so-

lução a questões militares futuras na Europa. Impõe-se analisar bem as instituições nacionais e as conseqüências da manutenção, ou não, dos EUA na OTAN, antes de se tomar uma decisão para sanar pendências político-militares européias.

O comportamento de todos mudou. Os EUA estão na berlinda. Consideram os europeus a economia norte-americana em declínio, mas reconhecem ser ainda a maior e mais forte do mundo. Do outro lado da colina, os EUA questionam quão dispendioso é manter a segurança mundial. Relutante, a Europa guarda na memória histórica as experiências das I e II Guerras Mundiais e do recente conflito do Golfo Pérsico, quando os ianques tiveram de cruzar o Atlântico para libertá-la da tirania nazi-fascista, e para restabelecer o equilíbrio no Oriente Médio. A despeito de orgulhosos de suas tradições guerreiras e dos feitos dos seus soldados nos tradicionais campos-de-batalha do mundo, os europeus respeitam os norte-americanos. Tal fato se comprova nos monumentos públicos e nos extensos cemitérios militares norte-americanos nos territórios dos aliados do passado, ficando também evidente na grande incidência de análise do inimigo de ontem, do seu povo e de suas forças armadas, nos trabalhos expostos no Congresso pelas delegações alemã e italiana.

O fim da Guerra Fria não foi acompanhado de redução dos investimentos em armas no ano de 1992, segundo revelou o Instituto Internacional de Estudos Estratégicos de Londres. Ele-

varam-se nas regiões subdesenvolvidas do planeta e diminuíram muito pouco no seio das grandes potências. Os gastos com material bélico são crescentes, especialmente nas áreas sob tensões nacionalistas e no Oriente Médio. O conflito árabe-israelense persiste, desestabilizando aquela estratégica área. Há indícios de que nova potência nuclear surge no Oriente Médio — o Irã. Observadores internacionais declararam que o Irã, com a ajuda da China, desenvolve um plano de produção de armas nucleares. Comprou aeronaves militares russas e chinesas, além de blindados, submarinos e mísseis de grande alcance. Ao mesmo tempo, os acordos de desarmamento, firmados entre os EUA e a Rússia não resultaram em cortes efetivos. Os EUA reduzirão em 1993 apenas 4,5% de seu orçamento militar, o que representa um mínimo para quem perdeu seu maior inimigo, com a queda do “Muro de Berlim”, em 1989. Na Rússia, o principal fator de redução de armas, que afetou mais o seu poder naval, é a crise econômica. Contudo, o desenvolvimento de armas convencionais prossegue. Moscou intensificou a venda de armas, em busca voraz de divisas. Estima-se que haja vendido 300 caças *MIG-29* em 1992.

Apesar de a recessão rondar a economia nipônica, as chamadas forças de autodefesa do Japão tomam dimensão e poder respeitáveis, fazendo o potencial militar e político.

Falou-se na reunificação da Coreia e de iminente implosão da Índia.

O resto do mundo, à exceção da China e dos “Tigres Asiáticos”, se-

quer mereceu qualquer alusão na avaliação estratégica formulada na sessão de encerramento. Há que se admitir que a América Latina e o Brasil perderam importância estratégica para os senhores do mundo.

O temor manifesto da concentração do poder mundial nas mãos dos EUA, com o anúncio de “Nova Ordem Internacional” por Bush, após a Guerra do Golfo, parece fazer sentido. A implantação da “Nova Ordem” nos termos pretendidos será bastante difícil e, se acatada pelo mundo, levaria uma década ou mais para se efetivar. A bipolaridade foi substituída pela multipolaridade, repartida entre a Alemanha, os EUA e o Japão. O conflito Leste-Oeste foi substituído pelo antagonismo Norte-Sul. A capacidade de o Ocidente e de os EUA se imporem ao mundo é duvidosa. O nacionalismo é passível de se transformar na ideologia que substituirá o comunismo. O imperialismo dos séculos XIX e XX terá de ser repensado. A autoridade das Nações Unidas reclama do Direito Internacional uma definição do que é permitido fazer. Até onde e que poder terá a ONU? Há necessidade de se respeitar a integridade territorial das nações. Todos os povos têm direito à autodeterminação, desde que não comprometam a dos demais. O respeito à apregoada soberania internacional como justificativa para intervir nos negócios internos de uma nação é de difícil aceitação. As campanhas internacionais ofuscando as questões internas provocam ressentimentos. A interdependência das nações precisa ser melhor esclarecida. A alegação de “di-

ANÁLISE DA APLICAÇÃO ESTRATÉGICA DO PODER AEROSPAIAL NO CONFLITO DO GOLFO PÉRSICO

reitos humanos" e de "defesa dos ecossistemas" para encobrir interesses internacionais não procede. A dissuasão como norma de Direito requer explicitação. Os Estados novos não são realmente independentes. A necessidade de autopreservação da humanidade exige uma revisão da economia e da política mundiais. O controle das armas nucleares táticas e estratégicas retiradas da Europa deve ser transparente. Certos princípios difundidos conflitam com os de democracia e tornam-se pouco inteligíveis. O mundo mudou, entretanto necessita manter forças armadas que garantam a estabilidade econômica-social dada pelo equilíbrio atômico no passado, com respeitosa convivência das nações.

Os conflitos se acentuam com os contraditórios movimentos nacionalistas emergentes e a formação de múltiplos pólos em busca de hegemonia. "Não sabemos se estas novas estruturas mundiais irão emergir da clarividência dos homens ou através de uma sucessão de crises de grande magnitude e de direção imprevisível", alertou Kissinger em recente declaração no Brasil.

A aliança européia de pós-guerra com os EUA ver-se-á comprometida, diante da ameaça de hegemonia alemã no velho continente.

A Ásia deverá ficar dividida entre o poder político da China e do Japão.

A Rússia, por razoável prazo sem poder político-militar e com a economia esfacelada, terá de dar prioridade à ordem interna. Os soviéticos não aprenderam a lição que apenas a estabilidade sócio-econômica garante o regime político, e hoje o resto do impé-

rio vermelho vive amargos dias. Os chineses, tirando proveito do exemplo dado pelo vizinho inimigo, assimilaram os ensinamentos da "perestroika", substituíram o conceito stalinista de economia planificada pelo de economia de mercado controlada, sem afrouxar os tentáculos políticos sobre o país. Assim, o típico socialismo chinês ensejou o crescimento econômico, a partir de 1978, à razão, em média, de 9% ao ano, oferecendo, hoje, um mercado de 800 milhões de pessoas com uma população economicamente ativa de 567 milhões.

Os EUA enfrentam situação delicada, com problemas econômicos internos e sem condições de se retirar do cenário internacional nem dominá-lo. Restaria aos EUA, portanto, revigorar a Doutrina Monroe e voltar-se para a América Latina marginalizada que, se revitalizada, reerguer-se-á propiciando aos norte-americanos um valioso mercado para ocupar o lugar dos perdidos na Ásia e na Europa.

Neste mundo de blocos instáveis, talvez uma das saídas para o quebra-cabeças brasileiro esteja na exploração das brechas esboçadas no quadro internacional, tirando partido das dissensões entre os grandes, resultantes da multipolaridade, como o fizeram os EUA no passado, e tentam repetir agora. A pujança do Brasil destoa dos parceiros do Mercosul e, no momento, revela-se insuficiente para competir no NAFTA. Antes de tudo, porém, vale lembrar que, se não vencer a batalha contra a miséria, a democracia corre grande perigo e o país continuará "deitado em berço esplêndido".

Incerteza e insegurança traduzem o clima de instabilidade internacional vivido. A combinação da escalada do terrorismo internacional com a proliferação de armas e dos conflitos localizados ameaçam a paz mundial. A Europa necessita da América. A segurança do mundo depende da compreensão real da interdependência das nações, de informações, dos militares, do cidadão, da educação dos jovens e da preservação do meio ambiente.

Eis, em síntese, as conclusões obtidas ao término do XVIII Congresso Internacional de História Militar, que não se restringiram meramente a esse campo, atestando cada vez mais o inter-relacionamento com a Estratégia e a Geopolítica em um mundo de "guerra improvável e paz impossível", como asseverava o respeitado analista e pensador contemporâneo Raymond Aron.

TRABALHOS APRESENTADOS

ALEMANHA: *A Marinha dos EUA nas I e II Guerras Mundiais; Os EUA no Pensamento Político-Estratégico Alemão entre Guerras — 1919-1939; A Entrada dos EUA na II Guerra Mundial e O Povo e o Potencial Militar dos EUA em Face da Liderança Política da Alemanha nas I e II Guerras Mundiais e Suas Conseqüências.*

BÉLGICA: *O Cerco de Ostende e O Modelo Americano no Pensamento Militar Italiano da Independência dos EUA a 1870.*

BRASIL: *A Participação do Brasil na I Guerra Mundial; e A Presença Mil-*

itar Brasileira na II Guerra Mundial.

CANADÁ: *A Arte Militar no Século XVII; A Formação do Exército Colonial Francês sob Luís XIV; Dominação através de Aliança com Nações Cativas: o Caso da Nova França — 1609-1760; e Aviadores Canadenses na Itália — 1917-1918.*

CHINA: *As Diferenças entre o General Stilwell e Chiang Kai-Shek e suas Causas; e A Cooperação Militar Sino-Americana durante a II Guerra Mundial.*

ESPAÑHA: *A Ética da Conquista e a Moral dos Conquistadores; e O Papel Militar da Autocracia em Castela nos Séculos XIII-XVI.*

EUA: *Operações da Aviação Naval dos EUA na Europa — 1917 a 1918; e A Marinha dos EUA e o Surgimento da Potência Militar Norte-Americana no Fim do Século XIX.*

FRANÇA: *Um Exemplo de Estratégia Indireta: A Participação Francesa na Guerra da Independência dos EUA; Aspectos Científicos da Expedição Francesa ao México — 1862-1867; e A Administração da Vitória sob a Influência dos EUA.*

FINLÂNDIA: *Poder Marítimo no Pacífico: Planos da Imperial Marinha Japonesa; e a Preparação desde a Ruptura das Limitações de Armas Navais — 1935-1941.*

GRÃ-BRETANHA: *A Inglaterra contra a Espanha — Elizabeth I e Felipe II: Desafiante Sucesso para a Hegemonia Espanhola?*

GRÉCIA: *A Influência do Pensamento*

Militar e da Organização do Exército dos EUA no Exército Grego.

HUNGRIA: *A Hungria e a Origem das Forças Armadas dos EUA (1778-1783).*

ISRAEL: *Operações Submarinas dos EUA e Logística Naval nas Águas Europeias durante a I Guerra Mundial.*

ITÁLIA: *A Participação dos EUA nas Guerras Europeias à Luz dos Arquivos de História do Exército Italiano; A Arte Militar Italiana no Final da Idade Média e na Renascença; Navios Construídos na América para a Real Marinha Italiana e a Marinha da Itália desde 1861; Elihu Root e a Reforma do Exército dos EUA (1902-1903); A Influência de Giulio Douhet na Doutrina Estratégica Aérea do General Mitchell; A Influência Militar dos EUA no Golfo Pérsico: Um Estudo de Caso — Irã (1941-1945); e A Colaboração entre a Marinha Italiana e as Marinhas Aliadas após 8 de setembro de 1943.*

PORTUGAL: *Portugal, o Atlântico e a Defesa dos EUA; A Ultrapassagem do Tratado de Tordesilhas na América do Sul; O Dualismo Hispânico-Português de 1580 e o Traçado das Fronteiras do Brasil; O Desenvolvimento da Arte Militar Portuguesa no Fim do Século XV e a Conquista dos Territórios Africanos; A Marinha Portuguesa na América do Século XVI; e O Papel Estratégico dos Açores nas Relações Euro-Atlânticas.*

ROMÊNIA: *A Arte Militar Romena na Renascença; Um Componente Original da Arte Militar Europeia; Voluntários Romanos no Exército dos EUA durante a I Guerra Mundial.*

RÚSSIA: *Os Russos na América dos Séculos XVI ao XVIII.*

SUÉCIA: *As Esquadras de Batalha no Atlântico e a Luta pela América (1720-1790).*



LUÍZ PAULO MACEDO CARVALHO, p.s.c., é pós-graduado pelo "Staff College", Camberley, Reino Unido, e secretário do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil; foi membro do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, e do corpo permanente da Escola Superior de Guerra. É Coronel da Reserva do Exército.